

AQUISIÇÃO E GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL: UM OLHAR SOBRE OS MULTISSISTEMAS DA ORALIDADE

Jebson da Silva Galdino (UFPB)

jebsongaldino@gmail.com

Evangelina Maria Brito de Faria (UFPB)

evangelinab.faria@gmail.com

Introdução

Este trabalho, que se insere numa pesquisa maior, tem como objetivo observar o papel dos multissistemas da oralidade na construção do gênero exposição oral pela criança. Sabemos que as modalidades da língua caracterizam-se como multissistêmicas, ou seja, utilizam múltiplas linguagens, por exemplo, a oralidade serve-se da gestualidade, mímica, prosódia etc., e a escrita serve-se da cor, tamanho, forma das letras e dos símbolos, como também de elementos logográficos, icônicos e pictóricos, entre outros, para fins expressivos.

Na nossa pesquisa, observamos a entrada da criança no gênero exposição oral e, particularmente, para essa comunicação, direcionamos nosso interesse para a descrição dos multissistemas já presentes neste gênero em crianças em aquisição. O referencial teórico tem como base Marcuschi (2008); Bakhtin (1995); Schneuwly; Dolz (2004); Scliar-Cabral (2003) entre outros. Metodologicamente, analisaremos dados de crianças entre 3 e 4 anos de idade, coletados em salas de aula da pré-escola e em ambiente caseiro, transcritos e armazenados no banco de dados do Laboratório da Aquisição da Fala e da Escrita da UFPB. Os resultados preliminares indicam que a criança adquire conjuntamente os multissistemas da oralidade, isto é, desde os primeiros momentos, ela administra formas linguísticas, entoações variadas e diferentes gestos na ação de falar mesmo se isso acontece de forma desordenada. Para uma melhor compreensão do que vamos expor neste estudo, abordaremos sobre aquisição de linguagem, gênero, multissistemas da oralidade e discutiremos, análise de dados e conclusão.

1- Aquisição da Linguagem

A aquisição da linguagem sempre despertou o interesse de leigos e estudiosos desde sempre. Isso se deve por dois motivos: primeiro, porque o estudo da aquisição pode esclarecer muito sobre o desenvolvimento da criança; segundo, porque a linguagem produz um efeito nas relações da criança com o mundo e consigo mesma. Temos registro na história que desde o séc. VII a.C. já se preocupava em discutir o

assunto. A aquisição está inserida na área da psicolinguística que teve origem na junção de dois campos de estudos: psicologia e lingüística. Em termos gerais, o campo da aquisição procura compreender como se dá a aquisição da língua materna, tanto normal quanto com desvios, recobrando os componentes tradicionais: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, discursivo; a aquisição da escrita, letramento, processos de alfabetização, relação entre fala e escrita, relação entre sujeito e a escrita; e a aquisição de 2^a língua.

A capacidade de adquirir uma língua é uma propriedade específica da espécie humana, pois requer um sistema neurofisiológico particular, com órgãos e sistema nervoso apropriados. Mas, além do aparato físico, a aquisição requer a inserção no processo sócio-histórico. Se isolarmos a criança, mesmo com todos os órgãos perfeitos, sabemos que ela não conseguirá desenvolver uma língua. “Para Scliar-Cabral (2003), são três os fatores de desenvolvimento da linguagem: **o inato, a maturação, e o ambiental.**” Para a autora os fatores inatos são os biopsiquicamente determinados pela espécie, em especial, a estrutura e funcionamento do sistema nervoso central, que se coloca como instrumento principal e específico de sobrevivência. Nos indivíduos, mesmo nos canhotos, o hemisfério nos quais as redes se especializam para a linguagem verbal é o esquerdo. “Estudos comprovam que as línguas de sinais são processadas no hemisfério esquerdo. Estes estudos comprovam que a linguagem humana independe da modalidade das línguas (QUADROS, 2004:36)”. “Deficientes auditivos que se expressam por sinais com lesão no hemisfério esquerdo padecem de formas de afasia idênticas às da afasia de ouvintes com lesões semelhantes. (PINKER 2002:385)”

Em relação à maturação, os circuitos que ligam os diversos centros do sistema nervoso central não nascem prontos: os prolongamentos dos neurônios precisam ser recobertos por uma camada rica em proteínas, processo conhecido por mielinização, para que se estabeleçam as ligações de modo adequado e no momento certo. A maturação dos circuitos envolvidos no processamento da linguagem verbal depende da ativação e funcionamento dos mesmos, para a chamada especialização das funções.

Como as capacidades inatas para o desenvolvimento da linguagem oral e sua maturação precisam ser ativadas pela interação verbal, prevalece a importância dos **fatores ambientais** e sociais. Pela mediação de um interlocutor mais experiente, que auxilia através da seleção de elementos linguísticos e pragmáticos, a criança passa a se inserir na língua. A inserção na língua depende da troca existente na comunidade à qual pertence a criança e dos ambientes de aprendizagem criados como estratégias para a aprendizagem. Para esclarecer melhor o aspecto social, colocamos a aquisição do ponto de vista de Tomasello (2003):

A aquisição da linguagem se dá: primeiro, pelas cenas de atenção conjunta como fundamentação sociocognitiva dos primórdios da aquisição; segundo, pela compreensão das intenções comunicativas e terceiro, pelo processo participativo no diálogo. Tomasello (2003:131)

Ao aprender a língua de seu grupo, os homens assimilam também a ideologia da comunidade, seu sistema de valores partilhados. Há uma rede complexa de ação e interação de fatores psicossociais envolvidas em cada ato de linguagem. No mais simples emprego da língua na interação diária, o social e o cultural estão intrinsecamente manifestos. Isso coloca a interação verbal como chave desse processo.

Para Tomasello (2003, p.136) a atenção conjunta requer uma forma de interação com o mundo (intencionalidade compartilhada) que se apresenta em três níveis:

- a) *Engajamento diádico*. Por volta dos seus 6 meses de vida, crianças compartilham, com seus co-específicos, ações e estados emocionais;
- b) *Engajamento triádico*. Por volta dos seus nove 9 meses de vida, crianças compartilham, com seus co-específicos, objetivos, ações e percepções uns dos outros;
- c) *Engajamento colaborativo*. Por volta dos seus 14 meses de vida, crianças compartilham, com seus co-específicos, estados intencionais e percepções, e adotam uma ação conjunta para atingir um objetivo compartilhado. É pelo engajamento da criança em atividades colaborativas, a partir desse período, que ocorrerão formas únicas de interação social, aprendizagem cultural, comunicação simbólica e representação cognitiva.

Os estudos de Tomasello nos enriquecem sobre os processos culturais na origem da aquisição da linguagem e desenvolvem inúmeras reflexões a partir de estudos de vários autores o que enriquece a reflexão sobre este processo humano da aquisição da linguagem. E como se dá a linguagem na vida social? Passemos então a refletir sobre gêneros.

2- Gêneros

Para definirmos o que são gêneros, adotamos dois conceitos chaves que os determinam. Primeiramente destacaremos a concepção de Bakhtin e em seguida a de Schneuwly e Dolz.

Bakhtin argumenta que dentro de uma dada situação linguística o falante/ouvinte produz uma estrutura comunicativa que se configurará em formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado, pois são formas marcadas a partir de contextos sociais e históricos. Em outras palavras, tais formas estão sujeitas a alterações em sua estrutura, dependendo do contexto de produção e dos falantes/ouvintes que produzem, os quais atribuem sentidos a determinado discurso. Logo, conclui-se que “[...] são muitas e variadas as formas dos gêneros do discurso (Cf. BAKHTIN, 1953/2000: 279).”

Para Bakhtin, dada à riqueza e a variedade dos gêneros, eles podem ser separados em dois grupos: **gêneros primários** – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva, tais como bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar – e **gêneros secundários** – textos, que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem; dentre eles, o romance, o teatro, o discurso científico, os quais, por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior.

No que diz respeito ao contexto de aquisição de linguagem infantil, os gêneros primários tem enorme importância. Pois, as crianças têm contato primeiramente com eles, para em seguida entrarem nos gêneros secundários. Segundo Bakhtin (2000), os gêneros têm características comuns: são formas-padrão de um enunciado que possuem um **conteúdo temático**, uma **estrutura composicional** e um **estilo**, ou certa

configuração de unidades linguísticas. O conteúdo temático é o assunto de que vai tratar o enunciado em questão, a mensagem transmitida. O plano composicional alude à estrutura formal propriamente dita. E o estilo leva em consideração questões individuais de seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004), o gênero é um instrumento que media uma atividade, dá-lhe uma certa forma, mas esse mesmo instrumento representa também essa atividade, materializa-a. Dito de outra maneira: as atividades não mais se presentificam somente em sua execução. Elas existem, de certa maneira, independentemente desta, nos instrumentos que as representam e, logo, significam-nas. O instrumento torna-se, assim, o lugar privilegiado da transformação dos comportamentos: explorar suas possibilidades, enriquecê-las, transformá-las são também maneiras de transformar a atividade que está ligada à sua utilização.

Em seus estudos perceberam que gêneros pertencentes a uma mesma esfera social de comunicação, apresentando possíveis semelhanças em suas situações de produção, compartilham outros aspectos entre si a nível composicional e temático, embora com diferentes graus de complexidade. Neste sentido, propuseram “*agrupamentos de gêneros*”. São eles:

- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO **RELATAR** - ligado ao domínio social da comunicação voltado à *documentação e memorização das ações humanas*, exigindo uma *representação pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo* (relatos de experiência vivida, diários íntimos, diários de viagem, notícias, biografias, relato histórico, etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO **NARRAR** - ligado ao domínio social da *cultura literária ficcional*, caracteriza-se pela *mimesis da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil* (contos de fadas, fábulas, lendas, ficção científica, romance, etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO **ARGUMENTAR** - ligado ao domínio social da comunicação voltado à *discussão de problemas sociais controversos*, exige a *sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição* (diálogo argumentativo, carta de reclamação, debate regrado, editorial, ensaio argumentativo, etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO **EXPOR** - ligado ao domínio social da comunicação voltado à *transmissão e construção de saberes*, exige a *apresentação textual de diferentes formas dos saberes* (texto expositivo, conferências, seminários, resenhas, artigos, etc.);
- AGRUPAMENTO DA ORDEM DO **DESCREVER AÇÕES** - ligado ao domínio social da comunicação voltado às *instruções e prescrições*, exige a *regulação mútua de comportamentos* (instruções de uso, instruções de montagem, receitas, regulamentos, regras de jogo, etc.). (Schneuwly e Dolz, 2004, p. 176)

Como se vê, o gênero exposição oral insere-se na ordem do expor e desde cedo estão presentes na fala infantil. Vejamos suas características.

Em nossa investigação, inicialmente, tentamos responder às seguintes perguntas: O que é o gênero exposição oral? Quais suas características? Como a criança adquire esse gênero? De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), o gênero possui como

principais características de sua comunicação o ato de transmitir e construir saberes, informar.

Para (Schneuwly e Dolz, 2004, p.183):

Parece-nos evidente que a exposição deva ser tratada como objeto de ensino de expressão oral: “fazer uma exposição”- ou, segundo a terminologia frequentemente utilizada na escola, um seminário- representa uma das raras atividades orais que são praticadas com muita freqüência nas salas de aula...

Desta maneira, podemos observar que a exposição se caracteriza como um discurso que se desempenha numa circunstância comunicativa específica que poderíamos chamar de bipolar, reunindo o orador ou expositor e seu auditório ou público alvo. Contudo, a exposição pode ser classificada, segundo Bronckart et al.(1985), como um espaço-tempo de produção onde o enunciador dirige-se ao destinatário, por meio de uma ação de linguagem que transporta um conteúdo referencial.

Por meio destes conceitos, observaremos e tentaremos detectar como a criança entra neste gênero e de que modo o desempenha nas suas várias situações comunicativas. Porém, o oral não é apenas lingüístico, compõe-se de multissistemas. Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 134):

... a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios lingüísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não lingüísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de uma atitude. É assim que mímicas faciais, posturas, olhares, a gestualidade do corpo ao longo da interação comunicativa vêm confirmar ou invalidar a codificação lingüística e/ou prosódica e mesmo, às vezes, substituí-la. Essa comunicação não verbal pode também trair o falante, quando este deixa escapar índices involuntários de uma emoção, seja ela perceptível ou não, lingüística e prosodicamente. [...]

Para esclarecer melhor esta idéia, o quadro a seguir exhibe uma sistematização dos meios que utilizamos para análise em nossa pesquisa, que são os não lingüísticos ou cinésicos e paralingüísticos da comunicação oral.

MEIOS NÃO-LINGÜÍSTICOS E PARALINGÜÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO ORAL

MEIOS PARA-LINGÜÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
qualidade da voz	atitudes	ocupação de	roupas	lugares

melodia	corporais	lugares	disfarces	disposição
elocução	e movimentos	espaço pessoal	penteados	iluminação
pausas	gestos	distâncias	óculos	disposição das
respiração	troca de olhares	contato físico	limpeza	cadeiras
risos	mímicas faciais			ordem
suspiros				ventilação
				decoreação

(SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p. 134)

3- Análise de dados

Considerando as produções do gênero exposição oral que constituem o nosso corpus por meio das gravações em áudio e vídeo, devemos observar a presença dos multissistemas da oralidade, pois a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos, utiliza-se também signos de sistemas semióticos não linguísticos. Posteriormente a essas considerações, expomos o trecho abaixo que se trata de algumas transcrições referentes à gravação da produção oral do gênero exposição oral por parte de infantes, que permite-nos observar os meios não linguísticos, pralinguísticos da comunicação oral citados acima, além dos linguísticos. Vale salientar que foram transcritas 20 entrevistas, mas para essa comunicação selecionamos apenas três exemplos.

Para as transcrições apresentadas em nosso trabalho, seguimos as orientações de Marcuschi em seu livro *Análise da conversação* (1986), fazendo uso dos seguintes sinais ou códigos:

- (.) pausa existente na fala
- : alongamento da vogal
- [sobreposição de vozes
- / truncamento
- (()) comentário do analista
- /.../ corte na produção de alguém
- [[falas simultâneas
- ((?)) incompreensão de palavras
- (...) trechos cortados

ENTREVISTA 1

DADOS DA CRIANÇA

Nome: Ana Júlia Rodrigues.

Idade: Três anos e dez meses.

Pais ou responsáveis: Germana e Ronaldo Rodrigues.

Formações acadêmicas dos pais ou responsáveis: Mãe – Ensino médio completo. Pai- Ensino médio incompleto.

Entrevistador- Ana Júlia, tu tens algum bichinho de estimação em casa?

Ana Júlia -(.) ((Cabeça baixa, braços em volta do rosto, voz baixa)) Eu tenho um gato!

Entrevistador- Como é o nome dele? (.)

Ana Júlia- ((Respira. Ela não responde o nome do gato, mas descreve que ele possui um olho azul e um verde)) Um olho azul e um “vede”.

Entrevistador- Como é seu pai? Fala pra mim como ele é?

Ana Júlia - (respira, olha para os lados, esconde o rosto mais uma vez com os braços) (.) / Ele trabalha, no campão é direto aqui oh! ((Apontando na direção do quintal de sua casa)). O “campão” (Galpão) é no terreiro (quintal).

ENTREVISTA 2

DADOS DA CRIANÇA

Nome: Vitor Hugo Fonseca.

Idade: Quatro anos e três meses.

Pais ou responsáveis: Julia e Felipe Fonseca.

Formações acadêmicas dos pais ou responsáveis: Mãe – Ensino Superior. Pai- Ensino médio incompleto.

Entrevistador- Na tua casa tem algum bichinho de estimação?

Vitor Hugo -(.) ((responde positivamente com a cabeça)) Tobi!

Entrevistador- Quem é tobi? (.) /.../

Vitor Hugo- É um cachorro.

Entrevistador- Com é que ele é?

Vitor Hugo- Preto.

Entrevistador- A tua escola fala para mim como ela é?/.../

Vitor Hugo- Pequeno sábio. (Nome da escola).

Entrevistador- Como ela é?/.../

Vitor Hugo- Pequena.

ENTREVISTA 3

DADOS DA CRIANÇA

Nome: Mariana Monteiro.

Idade: Quatro anos.

Pais ou responsáveis: Mayara e Edmilson Monteiro.

Formações acadêmicas dos pais ou responsáveis: Mãe – Ensino Superior(Graduação) Cursando. Pai- Ensino médio completo.

Entrevistador- Teu papai fala como ele é?

Mariana-(.) ((Respira olhando para os lados e pra frente quase que ao mesmo tempo, balançando suas pernas, batendo as mãos nos joelhos, voz alta)) Ele é bonzinho sabe! /.../ Quando mamãe dá em mim ele fala: “-Para de dá em Mariana”.

Entrevistador- Fala para mim como é a tua escola?

Mariana- ((Coça a cabeça, passa as mãos nos cabelos, voz baixa.)) /.../ Grande.

Entrevistador- Tua casa, como ela é?

Mariana- (.) Ela tem um espaço de fora e um espaço de lado. Minha casa é grande!

Tomando como base as entrevistas selecionadas, verificamos a partir destes trechos que: **Linguisticamente** as crianças usam poucas palavras, permanecem no tema abordado, selecionam um aspecto do assunto, naturalmente, aquele que do seu ponto de vista é mais importante: Quando mamãe dá em mim ele fala: “-Para de dá em Mariana”; Ela tem um espaço de fora e um espaço de lado. Minha casa é grande” . Elas se detêm geralmente em uma característica específica, seja ela física ou psicológicas ao descrever o pai, o animal de estimação, sua casa, por exemplo. A partir disto, detectamos um dado importante que está presente nas entrevistas apresentadas: a criança entra no gênero exposição oral através de uma das características do objeto a ser exposto.

Comprovamos também a existência de meios **cinésicos** da comunicação oral na maneira como a criança se comporta, ou seja, olhar para os lados, para cima, mexer as pernas, coçar a cabeça, mexer os braços. Apresentam-se em um número maior do que o esperado. Imaginamos que isso ocorra também pela presença de um pesquisador desconhecido na hora da produção da fala.

Finalmente, em relação aos elementos **paralinguísticos**, no ato de respirar fundo, surgimento de algumas pausas e voz baixa em alguns casos e alta em outros.

Algumas pausas se dão pela seleção das características e procura das palavras, como por exemplo: Respira olhando para os lados e pra frente quase que ao mesmo tempo, balançando suas pernas, batendo as mãos nos joelhos; e outras, acreditamos, pela interferência de uma pessoa estranha, do pesquisador, como em : Coça a cabeça, passa as mãos nos cabelos, **voz baixa**. Se fosse com a mãe, talvez a voz não fosse tão baixa.

Nos casos apresentados que coletamos, identificamos a predominância dos meios cinésicos, principalmente o fato de mexer a cabeça e desviar o olhar da câmera, seguido dos paralinguísticos, que teve como representante em destaque nas situações explícitas nas entrevistas, a entonação da voz em um nível muito baixo. Fato ocorrido na maioria das entrevistas que foram transcritas.

Uma dado que merece ressalva reside no fato de a criança adquirir conjuntamente os multissistemas da oralidade. Desde os primeiros momentos ela coordena formas linguísticas, entoações variadas e diferentes gestos na ação de falar.

4- Conclusão

A partir do que foi apresentado, pode-se dizer que a criança entra no gênero exposição oral através de uma apresentação de uma característica específica do objeto ou da pessoa a ser exposta. Em relação aos elementos paralinguísticos, vemos uma oscilação grande da entoação. Às vezes aumenta e outras diminui a altura da voz em face da nova situação exigida pelo contexto de produção. Algumas pausas se dão pela seleção das características e procura das palavras e outras, acreditamos pela interferência de uma pessoa estranha, do pesquisador. Porém, queremos ressaltar a grande presença dos elementos não verbais: movimento das mãos, olhar, cabeça que, diante dessa nova situação, refletem um movimento desordenado em relação ao linguístico. Um dado é certo, em todas as crianças pesquisadas aparecem os elementos linguísticos, paralinguísticos e não verbais, mostrando que os multissistemas da oralidade estão integrados e são adquiridos conjuntamente como uma só matriz, precisando apenas serem melhor trabalhados para um domínio maior das habilidades orais.

É tarefa da escola desenvolver essas habilidades. E esse trabalho já deve fazer parte da Educação Infantil.

A partir do que foi exposto, temos em mente dar continuidade ao nosso projeto buscando aprofundar nossas análises e observar outros gêneros orais que venham a contribuir e enriquecer nossa pesquisa, podendo ser feita uma comparativa com o exposição oral que fora estudado neste artigo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso . In: —. *Estética da criação verbal* , [trad. francês : Maria Ermantina Galvão; revisão : Marina Appenzeller]. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes , 2000, p. 279-287.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.
_____. Marxismo e filosofia da linguagem. 7ª ed, São Paulo: Hucitec, 1995 [1929].
- BRONCKART, J.-P.; BAIN, D.; SCHNEUWLY, B.; PASQUIER, A. e DAVAUD, C. (1985). *Le fonctionnement des discours*. Paris e Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e Tipos de Discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, S.P. : Mercado de Letras, 2004.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2003.
- TOMASELLO, Michael. Um enigma e uma hipótese. In: _____. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.